



TEORIA DOS SISTEMAS INTENCIONAIS: A MÃE-NATUREZA FACE AO CONTEÚDO MENTAL

Marcos Bragato¹

Resumo: O sucesso de uma empreitada analítica pode ser medido pelas conseqüências na estruturação de novas ideias e novos arranjos. Isso se dá com o conceito de *sistemas intencionais* (SI) - a postura física, a postura de planejamento e a postura intencional - de Daniel C. Dennett que contribui à presença e localização de crenças que moldam tomadas de decisão com congruentes ferramentas de pensamento, em continuidade com a árvore da vida presente na *Mãe-Natureza*, ao contrário do que postulam seus críticos. Dennett propõe a compreensão profunda desde o “colo de nossa mãe” ou da ação evolutiva; e, ousou sugerir, a apreensão mais destacada de nossa Mãe-Natureza. A tentativa interposta em seu escopo filosófico é a de carregar ferramentas aptas a dissipar o quanto alguns atributos “humanos” são tratados como lugar de assunto incerto, duvidoso e imponderável, que podem ser escrutinados pela engenharia reversa. As partes podem revelar o todo do processo de sobretude, o de atribuição de crenças e desejos às camadas formadoras do conteúdo mental; mas impedir ou obstacular especulações espiritualistas. Importante: o modelo dennettiano pode levar à inferência de que as diferenças na compreensão e pensamento é uma questão de grau. E a diferença fundamental está na capacidade de percepção e descoberta de regularidades, uma capacidade cognitiva que nos diferencia dos demais seres. Os SI são ferramentas elucidadoras dos diferentes comportamentos presentes no ambiente a nós circunscritos. Elicita-nos à percepção de sinais caros no ambiente, mas que, sem elas, pouco poderemos inferir e empreender. O que abre um caminho produtivo para o raciocínio prático, incontestemente prova porque tais ferramentas epistêmicas têm tido uso recorrentes em diversas áreas, como etologia cognitiva. Incursionamos brevemente nessa estruturação, sem discernir as críticas ao modelo, para apontar as contribuições da reinserção da intencionalidade, proposta por Dennett, como produto de mecanismos de tais *sistemas intencionais*.

Palavras-chave: Daniel C. Dennett. Intencionalidade. Posturas Epistêmicas.

Abstract: The success of an analytical endeavor can be measured by the consequences in the structuring of new ideas and new arrangements. This occurs with the concept of intentional systems (IS) - the physical posture, the planning posture and the intentional posture - by Daniel C. Dennett, which contributes to the presence and location of beliefs that shape decision-making with congruent thinking tools, in continuity with the tree of life present in Mother Nature, contrary to what its critics postulate. Dennett proposes deep understanding from “our mother’s lap” or from evolutionary action; and I dare suggest the most prominent apprehension of our Mother-Nature. The attempt interposed in its philosophical scope is to carry tools capable of

¹ Professor Associado IV do Departamento de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
marcos.bragato@ufrn.br.

dispelling the extent to which some “human” attributes are treated as an uncertain, doubtful and imponderable matter that can be scrutinized by reverse engineering. The parts can reveal the whole process of aboutness, that of attributing beliefs and desires to the forming layers of mental content; but to prevent or obstruct spiritualist speculations. Important: the Dennettian model can lead to the inference that differences in understanding and thinking are a matter of degree. And the fundamental difference lies in the ability to perceive and discover regularities, a cognitive ability that differentiates us from other beings. IS are tools that elucidate the different behaviors present in the environment surrounding us. It encourages us to perceive important signals in the environment, but without them we will be able to infer and undertake little. What opens a productive path for practical reasoning, unquestionably proves why such epistemic tools have had recurrent use in several areas such as cognitive ethology. We briefly delve into this structuring, without discerning criticisms of the model, to point out the contributions of the reinsertion of intentionality, proposed by Dennett, as a product of mechanisms of such intentional systems.

Keywords: Daniel C. Dennett. Intentionality. Epistemics Stances.

INTRODUÇÃO

A perspectiva evolucionista pode nos ajudar a observar que uma torrente subjacente de fatos e traços responsáveis pela modelagem das escolhas não são meras justaposições. Mas isso não é tão óbvio: como os princípios da biologia evolutiva e de traços-chaves dos sistemas intencionais (cf. Dennett, 2017, 2012, 2009, 1999, 1998^a, 1998^b, 1997, 1995, 1988^a) podem nos guiar em abordagens de temas concernentes às áreas tradicionais das humanidades e filosofia.

Aos partidários dos “mistérios” mentalistas e de correlatos, Dennett (2017) sugere a apreensão mais aprofundada desde o “colo de nossa mãe” ou da ação evolutiva; e ousa sugerir a apreensão mais destacada de nossa Mãe-Natureza. A tentativa interposta em seu escopo filosófico é o de carregar ferramentas aptas a dissipar o quanto alguns atributos “humanos” são tratados como lugar de assunto incerto, duvidoso e imponderável; que podem ser escrutinados pela engenharia reversa: cada parte tem uma função e podemos observar qual função é essa ao substituir com outra parte ou a transformar ligeiramente (Dennett, 2012). Havemos de considerar os graus, ao atribuímos crenças e desejos às diversas criaturas.

Portanto, o pensamento pode ser naturalizado. Pode ser entendido como um produto da natureza, e não como produto de um mistério e de uma alma sobrenatural criada por um ser divino. Nesse sentido, uma crença é um fenômeno objetivo que pode ser discernido e indagado.

A chave desse entendimento está na aceitação da ideia perigosa de Charles Darwin (1809-1882), a evolução pela seleção natural como o mecanismo fundamental pela descendência com modificação, e suas consequências, como o gradualismo – a mudança gradual, passo a passo (Dawkins, 2001), quando uma organização fenotípica atinge uma ou mais espécies no

curso evolutivo (Futuyma, 2003). Como exemplifica Richard Dawkins (2001), a evolução não salta do inseto diretamente para a raposa ou escorpião; ela salta para os vizinhos imediatos. Como inseto e escorpião, o nosso cérebro é produto da seleção natural.

O modelo de explicação proposto por Dennett alcança todas as esferas da vida, e não apenas o ser biológico. É o que ele chama de Espaço de Projeto (Dennett, 1998), no qual qualquer sistema que obedeça determinado passo a passo será objeto da seleção natural. Esse passo a passo se dá (1) quando da existência contínua de elementos diferenciados – Variação –, os quais têm a capacidade de desenvolverem réplicas de si mesmos – Hereditariedade –, mas com graus diferenciados dessa capacidade – Aptidão Diferencial. Isso se dá porque se esbarra na oferta limitada de recursos.

A perspectiva evolucionista pode nos ajudar a observar que uma torrente subjacente de fatos e traços responsáveis pela modelagem das escolhas não são meras justaposições. O modelo nos leva a inferir que as diferenças na compreensão e pensamento é uma questão de grau. E a diferença crucial está na capacidade de percepção e descoberta de regularidades, uma capacidade cognitiva que nos diferencia dos demais seres. “Quando algum evento desnorreia essa capacidade, percebemos o quanto nosso processo mental depende dela” (Caleiro, 2014, p. 29).

Os sistemas intencionais estão perpetrados desde níveis algoritmos sem ação da mente humana, que gradualmente adquirem significado e inteligência. Esse é o caminho darwiniano: diacrônico e histórico, e “trata de acréscimos graduais, durante bilhões de anos, dos tipos de Projeto – de funcionalidade e propósito – capazes de suportar uma interpretação intencional das atividades de organismos” (Dennett, 1998, p. 213). A diacrônica é produto das atividades de todos os pedacinhos de que somos compostos; ou seja, o comportamento de nível superior é apenas uma instância de outros níveis mais básicos moldados pela seleção natural.

Dennett rejeita especulações metafísicas e espiritualistas. A mente, para o filósofo, não é uma máquina milagrosa, mas um enorme mix de informações heterogêneas semiprojetadas pela seleção natural e autoredeenhado de máquinas pequenas, cada uma com sua própria história de projeto, “cada uma representando seu próprio papel na ‘economia da alma’” (Dennett, 1998, p. 213). E o mental deve ser estudado na esfera da ciência, com o entendimento de que o pensamento é apenas um dos aspectos da natureza, e como tal pode ser vasculhado pelas ciências computacionais, psicologia, neurociências e ciências cognitivas.

O mental se encontra na análise da própria linguagem e no entendimento de que nossas “intenções”, “crenças”, “desejos” etc. são uma organização hipotética de conceitos articuladores, dos quais fazemos uso para tornar inteligíveis os comportamentos de outros seres humanos (Teixeira, 2008).

Pressupostos básicos podem nos guiar, por exemplo, em diferenciar estratégias de curto a longo prazo como produtos de mecanismos de sistemas intencionais. No entanto, encontramos um traço particular dessa estratégia: Se aceitarmos os aspectos principais da teoria dos sistemas intencionais, seremos obrigados a pensar em como as ideias podem também nos teleguiar com consequências importantes sobre estratégias de quaisquer modos. O termo “sistema” é referido a qualquer entidade, de uma pedra a uma pessoa, cujo comportamento tentamos predizer (Dennett, 1997).

Intentamos, ainda que brevemente, apresentar tópicos dos *sistemas intencionais* e propor um entendimento às avessas do que comumente se pratica como entendimento do comportamento de tais sistemas portadores de racionalidade. Para tal, argui pela necessidade de considerar a psicologia e a física populares, em paralelo quando da operação de análise e predição. Essa, a psicologia popular, tem para Dennett (2017) poder de colaborar na organização de predição de determinado comportamento. Tal poder não pode estar imune à revisão ou rejeição graças a avanços teóricos, embora possam aparecer intuições resistentes embebidas pela obviedade.

1 MÃE-NATUREZA E ESTRATÉGIA

Em uma definição genérica, uma estratégia é uma política de comportamento pré-programada. É uma especificação do que um indivíduo fará numa situação na qual pode se encontrar (Maynard Smith, 1982, *apud.* Futuyama, 2003, p. 285). Estratégia como algo conscientemente planejado pelo indivíduo opera também com algo que não está conscientemente planejado, ao inferir determinado comportamento de um sistema intencional sobre motivações e decisões para cálculos de custos/benefícios. Entender a estratégia como um conjunto de comportamentos pré-programados facilita a aceitação do tipo de especificidade.

As estratégias evolutivas constituem uma classe de algoritmos evolutivos principalmente para resolver problemas de otimização de parâmetros. Os primeiros algoritmos de estratégia evolutiva operavam com um único indivíduo na população, sujeito à mutação e seleção.

Nos construtos científicos, são modelados como parâmetros de estratégias; controlam o processo evolutivo de busca, como taxas de mutação, desvios de padrões de mutações, recombinações possíveis, e o entendimento de acordo com a observação biológica de que pequenas variações ocorrem com maior frequência do que as dadas grandes variações. Uma evidência de que estratégias de sistemas intencionais, seja de primeira ou de segunda ordem ou sucessivamente, não são milagrosas, não é um sistema de crenças deslocado da história

evolutiva, não é voluntarista, e não atua sobre uma folha em branco a ser preenchida em um eterno presente.

As estratégias estão sob a égide da evolução por seleção natural, como um conjunto de processos que rastreiam, localizam e pactuam razões para as coisas estarem arrançadas de um modo e não de outro. Atua no lugar vago deixado pela não existência de um planejador inteligente (Dennett, 2017). A diferença crucial entre as razões desenvolvidas pela evolução e as razões por nós, os planejadores humanos, é a capacidade de representá-las em nossas mentes; no entanto, nem sempre isso é possível, apesar do privilégio de ter sucedido as produções da natureza no processo de decisão proporcionado pela engenharia reversa.

Dennett (2017) cita Dawkins quando este evoca a natureza aparentemente contraditória de tais processos: em um lado, são cegos, sem metas, desatentos, e em outro produzem em abundância entidades projetadas, muitas das quais se transformam em competentes construtores – de ninhos, de diques, de esconderijos debaixo da terra, fiandeiras de teia, e poucos se transformaram em planejadores inteligentes e construtores como nós.

O processo evolucionário carrega propósitos e razões do mesmo modo que carrega a visão colorida em sua existência: o gradualismo. Se entendermos como cresceu o mundo de nossas razões humanas, veremos que propósitos e razões são tão reais como cores, tão reais quanto a vida. Dennett (2017) alerta que a ciência demonstrou a irrealidade das cores da vida elas mesmas. Como transformar coisas irreais, coisas não vivas, em coisas coloridas e vivas? Essa é uma questão retórica que pode ser respondida, de acordo com ele. Nessa senda, existem razões para o que as proteínas fazem, igualmente para as bactérias, animais, plantas e nós.

Portanto, o conteúdo mental como um enorme mix de informações heterogêneas semiprojetado pela seleção natural e autoredeenhado de máquinas pequenas, cada uma com sua própria história de projeto, “cada uma representando seu próprio papel na ‘economia da alma’” (Dennett, 1998, p. 213). E o mental deve ser estudado na esfera da ciência com o entendimento de que o pensamento é apenas um dos aspectos da natureza, e como tal pode ser vasculhado pelas ciências computacionais, psicologia, neurociências e ciências cognitivas.

Ambos podem ser vistos como moldados por estratégias comportamentais de um sistema intencional de segunda ordem, a partir. Especulamos como o caso pode apontar as falhas do entendimento tradicional no comportamento de um determinado modelo mental sobre outro modelo mental expresso em comportamentos e ações de crenças.

2 TEORIA DOS SISTEMAS INTENCIONAIS (SI)

Intencionalidade, no sentido filosófico, difere do uso corrente. Ela é uma propriedade de algo ser a respeito de outro. Os dizeres de uma legenda de determinada foto: “O artista John está em retiro espiritual desde 2000”. A foto revela sua estrutura material, produto de uma sequência de eventos físicos, mas essa estrutura diz respeito ao que ali parece estar visível, a sobretude do referido pela legenda. É sobre o que se pode inferir e prever do “artista John”.

Para solucionar determinados problemas do comportamento e de ações de organismos simples e complexos, Daniel Dennett propõe um modelo de intencionalidade ou denotabilidade: ao se aceitar um agente como um agente racional portador de crenças, desejos e outros estados mentais, “e cujas ações podem ser explicadas ou preditas a partir do conteúdo desses estados” (Dennett, 1995, p. 89), “com base na atribuição aos sistemas de crenças e desejos” (Dennett, 1999, p. 356), que Dennett inclui ainda esperanças, medos, intenções, percepções, entre tantos estados.

Busca uma instância de explicação na qual seja possível se falar sobre o que duas entidades e/ou indivíduos têm em comum psicologicamente, também. Dennett quer legitimar descrições mentais que se assemelham ao “papel exercido pela noção abstrata de uma máquina de Turing no estabelecimento das regras para interpretar um artefato como o computador” (Gardner, 1996, p. 92). Trata-se de afirmar a possibilidade em como o fenômeno mental possa ser descrito nos termos propostos pelos sistemas intencionais. “... como uma ponte entre o mundo das pessoas e das ações do senso comum e o domínio não intencional das ciências físicas-padrão” (Gardner, 1996, p. 93).

Importante considerar que o SI se encontra, simultaneamente, na natureza e nos olhos do observador, no portador de uma dada racionalidade que o capacita a predizer determinado comportamento. Os sistemas intencionais podem ser operantes em coisas que não têm cérebros, mãos, ouvidos, sem mentes — e, não obstante, são sistemas intencionais.

Dennett apresenta três condições necessárias, mas não suficientes, e mutuamente independentes, ao funcionamento de um sistema intencional que possa exibir uma forma de reciprocidade: “ser racional é ser intencional e é ser objeto de uma certa postura” (Dennett, 1999, p. 356). O “ser racional” está relacionado à racionalidade teórica, que pode ser entendida como a destreza de agir em acordo com a motivação do que é “vantajoso” ao agente ou classe de agentes.

Nelas, os três diferentes tipos de realidade dependentes de três estratégias ou posturas com múltiplos padrões de informações, e o papel de tais posturas é o de revelar as diferentes entidades e suas propriedades do mundo embebidas por cada uma das estratégias.

O “realismo suave” implicado nos SI afirma a realidade dos objetos dependente do método ou perspectiva de abordagem do mundo. Há, assim, uma instância intermediária, e não trata apenas de se questionar se as disposições são reais. São, sim, estratégias ou instrumentos aptos a prever o comportamento de determinado sistema, e por isso confere seu realismo, porque cada um deles tem suas funções no aparente emaranhado. Como diz Dennett (1988a), não se pode ter realismo sobre significado sem funções.

A teoria dos sistemas intencionais, portanto, é sobre a atribuição de crenças e desejos que governam interações e geram expectativas como um conjunto de estratégias de inferência e predição dos comportamentos por eles gerados. Intencionalidade não como no uso corriqueiro e sim no sentido filosófico, como sobretude ou relacionalidade; ou seja, alguma coisa tem uma intencionalidade porque contém uma representação de outra coisa (Dennett, 1997, p. 39).

Trata-se da sobretude: A postura intencional é acerca daquilo acerca do qual os agentes estão a pensar. Não é algo que intencionalmente adotamos em circunstâncias normais; tipicamente, é involuntário e são raras as vezes em que nos advertimos pensar acerca do pensamento, falar acerca da fala, racionalizar acerca de outra linguagem. A tarefa – a atribuição de razões, crenças e desejos para agir – pode dispor de um sistema de categorias ou estratégias epistêmicas que nos habilita a classificar e prever o comportamento de sistemas naturais, criaturas e artefatos. E reiterar que a postura intencional opera independentemente do fato das entidades terem ou não mentes como as nossas.

Os sistemas intencionais não abrangem todas as entidades. Referem-se a uma classe de agentes: pedras, pensamentos, motivações, robôs e sistemas computacionais aos quais atribuímos racionalidade. Reitera-se: são níveis diferenciados de intencionalidade, que correspondem a diferenciados tipos de mentes sob a organização de uma ordem desenhada pela evolução. Nesse sentido, as três diferentes posturas para se acessar a um comportamento dos sistemas intencionais são: postura física, postura de planejamento (design) e a postura intencional. Tais sistemas existem, ao mesmo tempo, nos olhos de quem observa como na natureza.

Na primeira, quaisquer predições de comportamentos são baseadas no estado físico de um determinado objeto e são realizadas ao se aplicar qualquer conhecimento que se tem das leis da natureza. A postura física permite o ingresso na exploração da informação sobre a constituição física do sistema a ser tratado e as leis da física em operação. A ferrugem encontrada nas peças de engrenagem de determinado aparelho pode ser predita, se avançará ou não, de acordo com a postura física, por exemplo.

Na postura de planejamento, adotam-se predições sobre o comportamento de objetos mecânicos. Quando apertamos uma sequência de botões de um celular, por exemplo, ainda que

não tenhamos alguma noção de seu funcionamento, sabemos o que vai acontecer porque sabemos o que está projetado para acontecer. Essa é a postura de planejamento. Apenas os projetistas desses aparelhos saberão revisar as atualizações necessárias para o melhor funcionamento da máquina, e são eles que “descem” à postura física. A atribuição a um sistema por meio das funções dos elementos que o compõem – obedecerá a tal desenho para se comportar sob diferentes circunstâncias. Diferente da postura física, a postura de planejamento ajuda a predizer diversos níveis e até ignorar aquela postura; do altamente detalhado ao altamente abstrato, como a fonte código de um *software*.

No entanto, quando eles iniciam a engenharia reversa – de aparelhos de outros fabricantes – tais revisores utilizam não apenas a postura física, como também o que Dennett nomeia como postura intencional, ao tentarem imaginar o que os projetistas tinham em mente. “Eles tinham o artefato que estão examinando como produto de um processo de desenvolvimento de projeto racional, uma série de escolhas entre várias alternativas na qual as decisões tomadas foram aquelas consideradas as *melhores* pelos projetistas” (Dennett, 1998, p. 238-239).

Conosco, a vocação se dá especialmente nas tarefas de etólogos, psicólogos e psicobiólogos, porque crenças e razões nos são atribuídas face à arquitetura funcional, como nos mecanismos da visão, da memória ou do processamento da linguagem submetidos a particularidades sistêmicas. Um etólogo adota a postura do planejamento ao explicar o comportamento de uma espécie de peixe e do cardume, mas o pescador não precisa e, talvez, nunca precise adotar a postura.

Como explicamos: a postura intencional pressupõe a racionalidade ao se atribuir ao sistema “a posse de determinada informação” (Dennett, 1999, p. 37). É ‘sobre o que se fala’ que pode relacionar uma coisa com a outra - um nome para seu dono, um aviso de alerta para perigo que o acionou, uma palavra para seu referente, um pensamento para seu objeto, de acordo com Dennett (1998, p. 212). Entretanto, no universo não são todas as coisas que manifestam intencionalidade. O SI proposto por Dennett se insere como um fato da história natural recente, e não como um princípio metafísico ou um milagre desenhado por um artífice superior.

Como sintetiza Dennett (1999, p. 38-39): “[...] adotando a postura intencional quando estamos no papel de oponente, a postura de projeto quando estamos no papel de alguém que vai reprojeter, a postura física quando estamos no papel de quem vai consertar”. Ele ressalta que sua teoria não afirma que tais sistemas possuam crenças e desejos, “mas que se pode explicar e predizer seu comportamento atribuindo crenças e desejos a eles [...]” (Dennett, 1999, p. 38).

A intencionalidade se encontra nas relações entre uma competência da ação e o produto de sua atuação, ou a capacidade que os sistemas intencionais precisam atuar sobre alguma outra

coisa para estabelecer relações entre objetos-alvos. Objeto intencional é, portanto, o objeto do pensamento com o qual algo observado é relacionado (Dennett, 1988a, 2017).

Há aqui a continuidade de uma cadeia de predições que se complexifica nos SI de segunda ordem. Isso ocorre quando se prediz a partir de crenças, desejos e outras intenções sobre crenças, desejos e intenções; ou seja, podemos ter crenças sobre crenças. Estamos aptos às tentativas de interferência nas crenças que outros têm sobre suas próprias crenças e sobre os estados mentais que causam comportamentos, de modo a poder manipulá-los. Desenhar um modelo mental do modelo mental do outro é um modo de aprimoramento, inconsciente, de nossa ignorância dos processos em voga em cada uma das mentes (Dennett, 2009).

Um sistema intencional de primeira ordem é a capacidade de ter crenças e desejos sobre o conteúdo de sua própria mente ou cujo comportamento é previsível ao se atribuir crenças e desejos a ele. Um sistema de segunda ordem intencional é previsível se atribui crenças sobre crenças, ou crenças sobre desejos, ou desejos sobre as crenças, em camadas sucessivas, e um sistema de terceira ou quarta ordem dependerá do investimento nos graus que nos diferenciam de outras espécies.

Mas as estratégias epistêmicas dos sistemas intencionais são salvas da regressão infinita pela possibilidade de predição e análise em subsistemas até se chegar ao nível sistêmico, especialmente no trajeto da postura do planejamento à postura intencional.

Em artigo recente, o filósofo define a postura intencional como uma forma de teoria neutra, com o objetivo de capturar as competências de diferentes organismos ou outros agentes sem desenvolver hipóteses sobre as estruturas internas que sustentam as competências (Dennett, 2009). Sugere a investigação se concentrar nas estratégias exibidas nos comportamentos dos sistemas intencionais. O que o valida como advogado de uma posição interpretacionista, e estados mentais são observados como termos teóricos “que, uma vez atribuídos a segmentos de comportamento tornam estes inteligíveis para nós” (Teixeira, 2008, p. 33). Por isso, estados mentais como “intenções”, “crenças”, “desejos” e todo o vocabulário mentalista habitual que forma a psicologia popular (*folk psychology*), a ele “não precisamos atribuir-lhes realidade própria ou independente dos olhos de quem observa o comportamento” (Teixeira, 2008, p. 33).

No entanto, Dennett (2009, 1988a) considera a realidade de padrões que possam explicar por que elas, as estratégias, funcionam em um determinado sistema intencional. Portanto, a adoção de uma postura intencional implica em considerar regras como: a) Atribuição como crença das verdades persistentes relacionadas aos desejos do sistema e disponibilizadas pelo próprio sistema em relação à sua vivência no ambiente em que se insere; b) Atribuição ao sistema desejos que ele provavelmente deve conter; c) Atribuição ao sistema desejos de motivos

os quais ele acredita serem bons para si. A postura intencional é dependente da mobilização de conceitos que envolvam estados mentais relativos a motivos e expectativas.

A postura intencional opera se as razões estão representadas nas mentes dos agentes que estamos a predizer. Este pode ser considerado o primeiro passo. No caso da guerra pela esperteza ou a corrida armamentista entre predador e presa: quando o filho aprende com o pai como burlar a vigilância do animal alvo, ambos estão a considerar a sabedoria da presa em encontrar ações que possam confundir os predadores ou, talvez, a escolha da fuga. No entanto, como alerta Dennett (2017), as atribuições de crenças não são suficientes ou, no caso em tela, não basta a dependência de que a presa possa estar a organizar ações, e assim por diante.

A chave da postura intencional do modelo de descrição de Dennett (1988a) deve à suposição de que, se o que acontece no cérebro do animal tem competência/capacidade para detectar e responder à informação presente no ambiente. É a operação dos chamados *affordances* ou a qualidade de algo presente no ambiente sem a obrigação de prévia explicação à entidade ou agente. São sinais necessários ao reconhecimento do agente do que ali operam. São relacionais porque dependem de uma atividade interativa da habilidade do agente no reconhecimento da informação.

O exemplo clássico é a programação e o uso do jogo de xadrez no computador com paralelo às *affordances* necessárias à percepção do jogador de xadrez humano. Implementar um programa de xadrez deve atentar à capacidade de reconhecimento dos movimentos das peças e de suas prováveis jogadas, o passo posterior, às vezes, simultâneo. É o que fazemos, grosso modo, quando movemos ou adquirimos as peças, e evitamos trapaças e golpes porque atribuímos pensamento e capacidade na próxima jogada ao supormos o caminho de tal jogada.

Na postura intencional, amealhamos mais risco que a de planejamento, por arguir por suposições “fictícias” ao designar como objetos dotados de intencionalidade, de sobretude.

3 SERES LINGUÍSTICOS

Quaisquer reuniões entre humanos é a fechadura para quaisquer chaves ao funcionamento dos grupos sociais, especialmente intencionalidade de segunda ordem do tipo: S quer ir à reunião e quer que Z creia que não quer ir, e assim sucessivamente.

Afirma-se que um estado mental comporta intencionalidade quando está representado por outra coisa, quando é sobre outra coisa. Essa é uma forma de interagir com possíveis suposições da mente de outrem, ao imaginarmos seus estados intencionais em determinados contextos e, assim, possibilitar a predição de suas ações afins.

Adotamos a atitude intencional quando o nosso interesse em compreender ou explicar o comportamento de uma entidade é amplamente orientado para a ação – quando temos interesse em prever, depressa e sem muito esforço, qual o comportamento provável daquela entidade. Se for este o nosso objetivo, a atitude intencional é eficiente e rendível (HEIL, 2001: p. 199).

Em nós, a diferenciação se dá pelo grau exibido de versatilidade e variabilidade na atribuição de um tipo de compreensão comportamental que não se interrompa na manifestação da mera competência em lidar com os *affordances*. Caso de microorganismos, animais e plantas equipados com competências que os habilitam a lidar de modo adequado com os ambientes nos quais evoluem; com os *affordances* de seus ambientes. Como aponta Dennett (2017), existem flutuações racionais aqui e ali a depender da entidade em voga. No entanto, não é da natureza de tais entidades a necessidade de compreensão, se isso as beneficia ou não; de modo “consciente”.

É o caso dos animais superiores e determinados artefatos, como os que carregam informação digital, e de seres humanos. A postura intencional como forma de acessar, embora possa ser conjectural, a mente de outrem, ao supor seus estados intencionais em determinada circunstância e, assim, tornar possível prever seus atos naquele momento.

A compreensão aparece com a linguagem, e calibra a capacidade ou aptidão para manipular representações de si mesmo, em nosso caso. Na evolução da cooperação pode estar a explicação para essa calibração dos sistemas intencionais em animais superiores. No entanto, quando nos detemos a observar o que outras criaturas desenham em engenhosas construções - como os ninhos - imaginamos o empenho de alguma operação autoconsciente, secreta. Justamente isso, como sugere Dennett (2017), é o efeito de se expandir a postura intencional; a se refletir se tal atitude é demasiada.

CONCLUSÃO

O cerne epistemológico da teoria dos sistemas intencionais, quando realizamos atribuições racionais a determinados conjuntos de agentes, e fazemos uso de atribuições de crenças e desejos de governar nossas interações e gerar nossas expectativas, calibramos o entendimento de processos em curso em cada um dos cérebros; e nosso, também.

Em síntese: A postura física explora a constituição de uma determinada entidade, objeto ou mente; a postura de planejamento explora o tipo de desenho e como está projetada a entidade; a postura intencional, por sua vez, é a predição de que espécie de agente é tal entidade, objeto ou mente, e adotada como uma subespécie da postura de planejamento. Como constitui os operadores dos sistemas intencionais, trata-se, portanto, de prever e interpretar os níveis de

atuação em um determinado fenômeno; entender os efeitos produzidos por sistemas que modulam informação e buscam objetivos, como propõe Dennett (2017, 1995).

Os SI sugerem estratégias para colaborar com vindouras aproximações na atribuição de crenças e desejos. Os sistemas intencionais dennettianos são ferramentas elucidadoras dos diferentes comportamentos presentes no ambiente. Elicita-nos à percepção de sinais caros no ambiente, mas que sem elas pouco poderemos empreender. O que abre caminho para o raciocínio prático, incontestemente prova, porque tais ferramentas epistêmicas têm tido uso recorrente.

É ubíquo o uso da postura intencional no campo da informática e da etologia cognitiva (Seyfarth; Cheney, 2001). À crítica de que essas estratégias epistêmicas operam como análogos ou metáforas, pode-se arguir de que as atribuições de razões e crenças a organismos unicelulares, plantas e artefatos quaisquer são tão metafóricas como a operação de atribuir razões e crenças ao parceiro humano.

A teoria dos sistemas intencionais talvez possa ser aprofundada dentro do pedaço de seu escopo filosófico quando trata a informação e a informação semântica e os graus de apreensão dessa informação em tipos diferentes de criaturas. Contudo, a tarefa requer diferente tipo de investigação ou outro tipo de investimento epistemológico; em especial, a de que o SI não contempla o das mentes “irracionais”. Não cabe aqui, pois.

REFERÊNCIAS

CALEIRO, Diego. *Simulando Dennett: Ferramentas e Construções de um Naturalista*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-17102014-145500/pt-br.php>> Acesso em: 18 out. 2023.

DAWKINS, Richard. *O Relojoeiro Cego: A Teoria da Evolução contra o Desígnio Divino*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DENNETT, Daniel C. *From Bacteria to Bach and back: the evolutions of minds*. New York/London: W. W. Norton & Company, 2017.

DENNETT, Daniel C. *A Perfect and Beautiful Machine: What Darwin's Theory of Evolution Reveals About Artificial Intelligence*. *The Atlantic Monthly Group*. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/technology/archive/2012/06/a-perfect-and-beautiful-machine-what-darwins-theory-of-evolution-reveals-about-artificial-intelligence/258829/>> Acesso em : 15 out. 2023.

DENNETT, Daniel C. *Intencional Systems Theory*. In: MCLAUGHLIN, Brian P.; BECKERMANN Ansgar; WALTER, Sven (eds.). *Oxford Handbook of the Philosophy of Mind*. Oxford: Clarendon Press – Oxford, 2009, p. 339-50.

DENNETT, Daniel C. *Brainstorms: Ensaios sobre a Mente e a Psicologia*. Tradução: Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: Unesp, 1999.

DENNETT, Daniel C. *A Perigosa Idéia de Darwin: A Evolução e os Significados da Vida*. Tradução: Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

DENNETT, Daniel C. *La Actitud Intencional*. Tradução de Daniel Zadunaisky Barcelona: Paidós, 1998b.

DENNETT, Daniel C. *Tipos de Mentes: Rumo a uma Compreensão da Consciência*. Tradução: Alexandre Tort. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DENNETT, Daniel C. *La Conciencia Explicada: Una Teoría Interdisciplinar*. Tradução: Sergio Balari Ravera. Barcelona: Paidós, 1995.

DENNETT, Daniel C. Precs of The Intentional Stance. *Behavioral and Brain Science*, 11, 1988a, p. 495-546.

DENNETT, Daniel C. The intentional stance in theory and practice. In: BYRNE, R.; WHITEN, A. (eds.). *Machiavellian Intelligence*. Oxford: Oxford University Press, 1988b, p. 180-202.

FUTUYMA, Douglas J. *Biologia Evolutiva*. Coordenador da Tradução: Mário de Vivo. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2003.

GARDNER, Howard. *A Nova Ciência da Mente*. Tradução: Cláudia Malbergier Caon. São Paulo: Edusp, 1996.

HEIL, John. *Filosofia da Mente: Uma Introdução Contemporânea*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

SEYFARTH, Robert.; CHENEY, Doroty. Dennett's contribution to research on the animal mind. IN: ROSS, D. A.; BROOK, A. (eds). *Perspectives in Philosophy: Daniel C. Dennett*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 117-139.

TEIXEIRA, João de Fernandes. *A Mente Segundo Dennett*. São Paulo: Perspectiva, 2008.